



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LÊNIN ALVES FRANCELINO GADELHA

IMPrensa E PODER NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS
A oposição do matutino Diário Carioca (1950-1954)

BRASÍLIA – DF

2019

LÊNIN ALVES FRANCELINO GADELHA

IMPrensa E PODER NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS

A oposição do matutino Diário Carioca (1950-1954)

Trabalho de Conclusão de Curso 2, requisito para apresentação do Trabalho Final à Universidade de Brasília para o recebimento do título de Licenciado em História.

Orientadora: Dra. Albene Miriam Menezes Klemi

BRASÍLIA – DF

2019

LÊNIN ALVES FRANCELINO GADELHA

**IMPrensa e Poder no Segundo Governo Vargas – A Oposição do
Matutino Diário Carioca (1950-1954)**

Trabalho de Conclusão de Curso 2, requisito para
apresentação do Trabalho Final à Universidade de
Brasília para o recebimento do título de Licenciado em
História.

Orientadora: Dra. Albene Miriam Menezes
Klemi

Brasília, 06 de dezembro de 2019

Banca Examinadora

Profa. Dra. Albene Miriam Menezes Klemi

Orientadora

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

Examinador

Profa. Dra. Léa Maria Carrer Iamashita

Examinadora

IMPrensa E PODER NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS – A OPOSIÇÃO DO MATUTINO DIÁRIO CARIOCA (1950-1954)

Lênin Alves F. Gadelha¹

Albene Miriam Menezes Klemi²

RESUMO

O presente artigo busca delinear um cenário de como foi engendrada uma oposição radical do jornal Diário Carioca (D. C.) frente à figura paternalista e populista de Getúlio Vargas durante a primeira metade da década de 1950, período de construção da sua candidatura a Presidente e de seu governo de feição nacional-desenvolvimentista (1951 a 1954). Naquele momento, a imprensa brasileira passa por um processo de modernização e adquire, mais ainda, um caráter político vinculado aos interesses privados, moldando, sob essa perspectiva, o imaginário dos leitores. O Diário Carioca foi pioneiro dessa modernização. Durante o Segundo Governo Vargas, período caracterizado por uma situação de crise, o alarmismo da imprensa teve papel vital na oposição, que culmina com o suicídio do então presidente. Nossa hipótese conjectura que a oposição dos periódicos da forma como se deu, dentre outras variáveis, foi devido ao dinamismo resultante das reformas modernizadoras da imprensa. A abordagem do tema é de natureza qualitativa. O D.C. é ao mesmo tempo fonte e objeto de pesquisa. O levantamento das informações nas páginas do periódico em tela foi realizado por meio de pesquisa por amostragem. Para balizar a amostragem elaborou-se uma linha do tempo com alguns dos fatos mais importantes do período, identificados na literatura, e procedeu-se a pesquisa em torno de suas datas. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o escopo do tema. Constatou-se que o Diário Carioca fez uma oposição radical a Vargas e ao seu governo. Esse posicionamento coadunava-se com o da maior parte dos periódicos da chamada grande imprensa que foi uma das grandes responsáveis pelo cerco e desfecho trágico do daquele mandato, com o suicídio do presidente. Sem a censura e repressão feitas à imprensa pelo Estado Novo sob o comando de Getúlio Vargas (1937-1945) e efetivadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a primeira metade dos anos 1950 permitiu uma crítica dos

¹ Graduando em História pelo Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB), e membro do GP cadastrado no CNPq Laboratório de História e Historiografia Brasileira.

² Professora associada do Departamento de História da Universidade de Brasília e orientadora. Meus mais sinceros agradecimentos pelo apoio, carinho e paciência, que foram essenciais no meu trajeto de pesquisador e que tornaram esse trabalho possível.

veículos de comunicação, sobretudo dos jornais impressos, ao Segundo Governo varguista. Nesse contexto de experiência democrática, a modernização dos jornais levou a imprensa a uma nova dinâmica. O alarmismo e sensacionalismo das notícias, as colunas hostis ao então presidente e o cerco da imprensa escrita contra Getúlio Vargas culminaram em um desfecho trágico, seu suicídio, em agosto de 1954.

Palavras-chave

Diário Carioca; Modernização da imprensa; Oposição; Segundo Governo; Vargas.

INTRODUÇÃO

No Segundo Governo Vargas (1951-54), a imprensa escrita assume grande responsabilidade no que tange à defesa e oposição ao Governo e a figura do presidente. Diferentemente do seu primeiro período como mandatário do país (1930-45), a oposição da imprensa a Vargas foi, então, predominante (DUARTE, 2012). A imprensa vê reforçado um caráter político vinculado aos interesses privados, moldando, deste modo, o imaginário dos leitores. Agora sob um regime democrático e sem a censura do Estado Novo, as iniciativas do novo Governo Vargas impulsionaram um desenvolvimento nacional articulado pelo Estado e possibilitaram uma oposição feroz por parte da imprensa liberal frente ao nacional-desenvolvimentismo, de alguma forma, esposado pelo governo. Esse período é marcado por grande crescimento urbano das capitais do país e de intensificação de movimentos de massa, com realce para a campanha pela nacionalização do petróleo e da criação da Petrobras. (D'ARAÚJO, 1992, p. 29; DELGADO, 2008, p. 146).

No Brasil, a imprensa tradicional da primeira metade dos anos 1950 caracteriza-se por ser liberal. Todavia, esse liberalismo situa-se nessa “[...] instituição onde se mesclam o público e o privado, os direitos dos cidadãos se misturam com os do dono do jornal. Os limites entre uns e outros são tênues” (CAPELATO, 1988, p. 18). No período abordado, a imprensa passa por um processo de modernização em muitos aspectos do *metiér* da mídia impressa, sem, todavia, superar a mescla entre público e privado apontado por Capelato. Particularmente ao que se refere aos jornais, o Diário Carioca (D. C.) foi pioneiro dessa modernização caracterizada pela incorporação do *lead*, pirâmide invertida, chamadas de matérias para as páginas seguintes, diagramação e elaboração das manchetes, dentre outros aspectos. Essa modernização do D.C. relativa à sua composição gráfica é atribuída a Luís Paulistano, que havia viajado aos Estados Unidos anos antes e lá se inteirado das novidades que dinamizavam a imprensa. Completava

esse processo a adoção do manual de redação, no caso dado, instituído por Pompeu de Souza, inspirado, também, nos jornais estadunidenses em detrimento do estilo literário francês, que vigorara até a primeira metade do século XX. A técnica de redação mais conhecida é sobre informações do texto, esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: quê? quem? onde? como? e por quê? (SOUZA, 1950).

Esta modernização da imprensa, no entanto, foi condicionada pelo desenvolvimento do país (MACHADO, 2003; SODRÉ, 2011). Os jornais tornaram-se mais dinâmicos e protagonistas na disputa pelo poder, e reforça-se a condição de que os jornais não são um retrato da sociedade, mas um agente ativo na construção da identidade da própria sociedade. Com isso, dentre outros fatores, há um grande aumento nas tiragens e os jornais passam a circular diariamente, não mais semanalmente, e em maior número, tornam-se mais dinâmicos e agradáveis para a leitura, inclusive daqueles que não faziam parte do público alvo, ou seja, aqueles que não pertenciam às classes mais abastadas. Os jornais cariocas tiveram um papel relevante na propagação dos novos elementos, com destaque para o Diário Carioca.

Durante o Segundo Governo Vargas, período caracterizado por uma situação de crise, o alarmismo da imprensa teve papel vital na construção da oposição. A oposição dos periódicos (com ressalva do jornal Última Hora que apoiava o Governo) tal como se deu só foi possível, dentre outros fatores, devido ao dinamismo resultante das reformas da imprensa, com a introdução das já referidas novas técnicas. A “mercadoria política” é colocada à venda e, quando os interesses do Governo vão de encontro aos interesses privados da elite, há uma disputa para que a sua narrativa conquiste o público maior, como forma de legitimação. “Ao nível ideológico, é através da grande imprensa que se expressam fundamentalmente as críticas dirigidas à política de Vargas.” (D’ARAÚJO, 1988, p. 29).

Neste contexto de crise e efervescência da radicalização política, o Diário Carioca foi um opositor radical da figura paternalista e populista de Getúlio Vargas e, por conseguinte, do seu projeto de inspiração nacional-desenvolvimentista. É importante ressaltar que Vargas possuía demasiado prestígio junto às massas populares, construído durante o “curto período”³ de 1930 a 1945. Contudo, a virulência com a qual parte dos jornais tratam a figura de Vargas no seu Segundo Governo não é uma característica particular daqueles anos, por registrar-se antecedentes e subsequentes modos similares de oposição. Desse modo, durante o Governo do

³ “Curto período” é o modo irônico o qual o Diário Carioca refere-se aos 15 anos do primeiro Governo Vargas (1930-1945).

presidente Campos Sales (1898-1902) registram-se veículos de imprensa que lhe fazem oposição no âmbito pessoal. (SODRÉ, 2011). Igualmente, cita-se o caso do poder oposicionista de Lacerda na mídia, o qual era tão temido que o então presidente Juscelino Kubitschek, com receio de que a volta de Lacerda em novembro de 1956 de seu exílio voluntário “pudesse desestabilizar o seu governo, procurou impedir o seu acesso ao rádio e a televisão.” (DELGADO, 2006 p. 146).

Relativo ao Diário Carioca, devido ao dinamismo imposto pela modernização, observa-se que este periódico potencializou sua capacidade de realizar uma oposição radical. A diagramação do jornal é um elemento fundamental na elaboração das páginas do periódico visto que os critérios de produção, seleção e organização das notícias são subjetivos (BAHIA, 1990). Isto é, a elaboração dos títulos das manchetes, *leads*, *sub-leads*, a disposição de imagens, posicionamento na página são artifícios os quais o jornal utiliza quando se trata de fazer oposição a Vargas. Contudo, a oposição radical do jornal encontra-se nas colunas do seu fundador, José Eduardo de Macedo Soares. Suas colunas são sofisticadas na linguagem e dispõem sempre de ironia aos ataques pessoais a Getúlio Vargas. Outras figuras importantes do elenco do jornal são Prudente de Moraes Neto, que assina a sua coluna “Da bancada de imprensa” com o pseudônimo Pedro Dantas e Danton Jobim, diretor e redator-chefe do pequeno matutino.

Durante o interstício temporal em foco, observa-se que o Diário Carioca, todavia, oscila na virulência ao tratar do Presidente nas suas páginas em conformidade com os ventos da política. As mudanças na narrativa e discurso no editorial do jornal mudam conforme a situação política. O D. C. não era um jornal reconhecido por sua coerência, considerando que as mudanças de opinião da sua redação estavam sempre alinhadas com as de seus proprietários (MOLINA, 2012). O alarmismo a respeito da volta do “ex-ditador” mistura-se com notícias sem veracidade. Em raras ocasiões, dão lugar aos argumentos jurídicos – o que não significa, necessariamente, que tivessem sustentação – e, ainda com uma menor frequência, registou-se momentos de trégua.

Quanto à metodologia, registra-se que o levantamento do material do jornal Diário Carioca, realizado por amostragem, foi feito na Hemeroteca digitalizada da Biblioteca Nacional – BNDigital-Hemeroteca. Nesse acervo, como mencionado, selecionou-se as edições sobre o Segundo Governo Vargas a partir de uma linha do tempo com alguns dos fatos mais marcantes do período identificados na bibliografia selecionada no âmbito da pesquisa. Além disso, priorizou-se o que era publicado nas colunas de crônicas do fundador do matutino, José

Eduardo Macedo Soares, geralmente tomando espaço na capa, como também no editorial do jornal chamado “A Nossa Opinião” e, por fim, a coluna Bancada de Imprensa escrita por Prudente de Moraes Neto, estes presentes sempre na página quatro. Estas colunas são sempre escritas com um estilo mais pomposo, sofisticado, com o estilo de cada autor, quando estão tecendo as críticas à Vargas e ao seu Governo, são sempre mais ácidas, irônicas e, por conseguinte, mais agressivas e diretas. Realizou-se, também, uma pesquisa bibliográfica na Biblioteca da Universidade de Brasília/BCE e na WEB, onde foram identificados importantes títulos de acesso livre.

Para lastrear a análise do posicionamento crítico do jornal, considerou-se também a diagramação do Diário Carioca, uma vez que, particularmente no contexto de mudanças de técnicas e modernização, esta é parte importante na construção da posição do periódico pois tem em sua elaboração um caráter subjetivo, intencional, que reafirme a sua posição, e consequentemente endossam as críticas anti-Vargas. As diferenças na disposição de imagens e colunas, a preferência e foco sobre as diversas figuras políticas que antagonizam a disputa eleitoral com Vargas, e depois fazem oposição a ele e ao seu governo, os títulos das manchetes, a elaboração do lead, os elogios aos adversários políticos, a negação de espaço em determinadas páginas, tudo isso foi elaborado conscientemente para realizar a oposição radical pelo pequeno matutino.

A TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DIÁRIO CARIOCA

O D.C. foi fundado no Rio de Janeiro por José Eduardo Macedo Soares, em 1928, para fazer oposição a Washington Luís. Passou pelas mãos de alguns proprietários – Macedo Soares, o fundador, Horácio de Carvalho, Aron de Melo (no ano de 1961) e Danton Jobim (a partir de 1962). Pioneiro das reformas gráficas e editoriais na imprensa carioca, a partir de 1950, foi publicado até 1965. (Cf. FGV/CEPEDOC. Dicionário de Verbetes. Diário Carioca, s.d).

Quanto ao posicionamento do periódico em tela ao Segundo Governos Vargas, em primeira linha, percebeu-se que a oposição do Diário Carioca à Vargas, ao seu governo e ao nacional-desenvolvimentismo, no período de 1951-54, foi radical. Constatou-se, também, que a oposição do jornal à figura de Vargas tem início no seu Primeiro Governo. O periódico apoiou com entusiasmo a deposição de Washington Luiz (LUCA, 2008). Em 1932, todavia, ele foi empastelado por militares do movimento tenentista, após fortes críticas ao governo, quando

este rompeu com Getúlio Vargas (LAGE, FARIA & RODRIGUES, 2004). Desde então, no geral, colocou-se como oposição radical não somente ao “breve período”, mas também à figura Vargas, de modo geral. Quando ainda em 1949 e início de 1950 surgem cogitações acerca da sua possível candidatura à a Presidência da República, o jornal publica com alarmismo matérias sobre a volta do “ex-ditador”.

É necessário distinguir o sujeito Getúlio Vargas da sua representação de sua figura populista e paternalista. O prestígio que este tinha junto às massas o colocava acima dos partidos, inclusive do seu, o PTB. Ou seja, votavam-se na sua figura política em detrimento da legenda partidária. A situação de crise e fragilização do sistema partidário permitiria que o governante gozasse de uma relação direta com os líderes populares – como os sindicatos. Populismo, no presente trabalho, remete ao modo de Governo recorrente na história da América Latina durante o século XX, ainda que o Diário Carioca por diversas associe o populismo ao getulismo/varguismo de modo pejorativo.

Identificou-se, além do mais, que a diagramação do Diário Carioca compôs o mecanismo de elaboração das mensagens de crítica a Vargas e seu governo. As diferenças na disposição de imagens e colunas, a preferência e foco sobre as diversas figuras políticas que antagonizam a disputa eleitoral com Vargas, os títulos das manchetes, a elaboração do lead, os elogios aos adversários políticos, a negação de espaço em determinadas páginas, tudo isso foi elaborado propositalmente para realizar a oposição radical pelo pequeno matutino.

Ademais, observou-se que no primeiro semestre de 1950, quando estava lançada a aludida candidatura de Vargas, a linha editorial do matutino carioca coloca-se em confronto com esta. A diagramação da capa é quase sempre montada para que, de modo subjetivo, seja feita a crítica à Vargas, seus adversários políticos são representados com mais espaço, imagens maiores, informações dinâmicas, impessoais e profissionais – no sentido da modernização da redação do jornal –, priorizando a notícia. Por sua vez, as notícias sobre Getúlio eram em colunas menores, no canto de página, exprimida pelas maiores e a continuação se dava páginas depois. Os demais adversários políticos, por outro lado, tinham suas chamadas de notícia para a página seguinte. Além disso, Vargas é sempre tratado com adjetivos pejorativos como “ex-ditador”, “velho Vargas”, “usurpador de 30 ou 37”, dentre diversos outros. (Ver por exemplo as edições do Diário Carioca de 01/06/1950 e de 30/09/1950).

O então presidente Eurico Gaspar Dutra era comumente elogiado pelo periódico e delineado como a figura antagônica de Vargas nas páginas do jornal. Dutra era representado

sempre como uma figura de honra, correta e Getúlio significava o oposto. A possibilidade deste retornar ao poder, significava para o jornal, a volta do “breve período” discricionário. Os colonistas do Diário Carioca enfatizavam sempre a suposta nostalgia de Vargas pelos anos do Estado Novo e denunciavam os abusos do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

O fundador do Jornal, J. E. de Macedo Soares, descreve Vargas em suas colunas como uma figura obscura que corrompe todos a sua volta, sempre à espreita. Uma figura de lábia e intrinsecamente demagógica e antidemocrática. Suas colunas, como já aludido, quase sempre presentes na capa, contém ofensas e críticas pessoais, numa linguagem mista de sofisticação e ironia. Entretanto, Prudente de Moraes Neto, sob seu pseudônimo Pedro Dantas, publicava na coluna “Da bancada de imprensa”, críticas a Vargas sempre de modo mais sofisticado. Trazia consigo argumentos com linguagem jurídica e política. Esse cenário de crítica radical estendeu-se por todo o segundo mandato varguista e teve seu ápice nos vinte dias de crise política fomentada pela imprensa oposicionista e que levaram Vargas ao suicídio. Ademais, o Diário Carioca discursava com vigor a respeito do regime democrático e liberdade de imprensa.

Abreu e Lattman-Weltman (1994), em um estudo elaborado sobre o cerco da mídia ao Presidente, apontam um padrão das notícias e editorial dos jornais nos dias que seguiram ao suicídio de Getúlio Vargas. Dividido em quatro etapas – *apresentação*, *acusação*, *apelo* à renúncia e *imposição* da renúncia –, delineia um esboço sobre a dinâmica com a qual a imprensa escrita trabalhou para que, em menos de vinte dias, Vargas cedesse e renunciasse. O suicídio, no entanto, pegou os jornais de surpresa.

BREVES PAINEIS DA OPOSIÇÃO RADICAL DO D.C. AO SEGUNDO GOVERNO VARGAS

Da leitura de exemplares do jornal em tela, pode-se estabelecer um panorama do posicionamento crítico e de forte oposição da imprensa a Vargas e ao seu governo, uma vez que o Diário Carioca compunha a linha de frente da imprensa anti-Vargas. Em detalhe, analisa-se, a seguir, posicionamentos ilustrativos de notícias em sequência que em um crescente não só colaboravam para a criação da mencionada situação de crise política, como também para a junção de impasses, em parte montados pela própria imprensa carioca, a mais importante do país àquela época, que levaram o Presidente Vargas ao suicídio no fatídico 24 de agosto de 1954 (COSTA, 2011).

Assim, toma-se como ponto inicial a candidatura de Vargas nas eleições presidenciais de 1951. No dia 19 de abril 1950, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) lança oficialmente a candidatura de Getúlio Vargas. Na edição do mesmo dia, J. E. de Macedo Soares é claro: “CUIDADO COM O VELHO!...” é o título da coluna. Naquele ano, as colunas destinadas à crítica a Vargas eram comumente intituladas em caixa alta. No corpo da coluna, afirma: “O Vargas foi sem dúvida, o homem mais maligno que passou pela vida pública brasileira” (Diário Carioca, 19/04/1950). Após a confirmação de sua candidatura, as críticas não deixariam o teor pessoal à figura do ex-presidente. O jornal lamenta, nas edições seguintes, que os acontecimentos de 1945 não lhe retiraram os direitos políticos, reconhece a constitucionalidade de sua candidatura e não esconde a torcida por uma derrota vergonhosa. A opção do Diário Carioca em sua sanha oposicionista é, portanto, arruinar a figura de Getúlio Vargas pessoalmente. Os tempos eram outros e diferentemente de outrora, “Vargas não tinha condições de subornar a grande imprensa” (SODRÉ, 2011, p. 583).

O matutino ainda se apegaria à tese da inelegibilidade devido ao passado discricionário do “ex-ditador” (Diário Carioca 18/08/1950). No entanto, os ataques pessoais, cujo intuito era acabar com o prestígio de Vargas, ainda seriam o elemento principal utilizado pelo jornal. O alarmismo sobre a volta da ditadura e seus aparatos repressivos foram contínuos até o pleito realizado em 3 de outubro de 1950. O Diário acaba por apoiar a campanha eleitoral de Cristiano Machado, do Partido Social Democrata (PSD), sem, no entanto, fazer oposição feroz ao candidato da União Democrática Nacional (UDN), brigadeiro Eduardo Gomes. Sobre o desejo de Vargas pela presidência, Macedo Soares argumenta que,

Todavia, o velho Vargas, que promete sentar o povo na cadeira presidencial, para instalar um governo de “massas”, não está cogitando em nada disso. O que ele tratará de restabelecer é o seu governicho irresponsável, burocrata, miudamente gozado por ele e por sua família. Um governo sem horizontes, egoísta e inconsciente. O velho não tem miolo para mais do que já fez em quinze anos ininterruptos de um governo discricionário à margem da legalidade. (Diário Carioca, 01/09/1950, p.1).

No início do ano anterior, o Diário Carioca fez forte oposição a Vargas, desde que se começou a suspeitar da sua candidatura. O matutino, apesar de sua importância na modernização dos jornais brasileiros, sendo o primeiro a utilizar as novas técnicas, ainda assim era um jornal pequeno. Composto por jornalistas jovens, cuja justificativa fora se livrar do velho estilo literário, a acidez e humor áspero em relação as críticas a Vargas era uma característica marcante do jornal.

A relevância política do pequeno matutino não se dava somente na introdução das novas técnicas de redação e modernização do jornal. Em termos de alcance e influência do jornal, entre a imprensa carioca, o D.C. era o matutino de opinião menos lido, segundo o Anuário Brasileiro de Imprensa, Publicidade & Negócios. Ainda assim, o Diário Carioca incomodava. Isto posto, é importante ressaltar que tal estatística não reflete o seu real impacto na vida política. Não raros eram os episódios em que alguma personalidade política se retratava ou dava explicações ao jornal.

Passado o pleito de 3 outubro de 1950, o resultado foi absorvido sem maiores contestações pelos setores econômicos, políticos e militares, à exceção da UDN (D'ARAÚJO, 1988). O D. C. levantaria a tese da maioria absoluta. Pedro Dantas aponta na sua coluna que discorre sobre a decisão de proclamar eleitos quaisquer candidatos à Presidência e vice, pois, em nenhum dos casos houve a maioria dos votos (50% mais um) e que, por isso, a eleição deveria ser considerada “não pleiteada” (Diário Carioca, 18/01/1951). Vargas passaria a ser chamado de Presidente proclamado, em detrimento do termo “eleito”. No dia 19 de janeiro, o editorial do D. C., lamenta a decisão do Tribunal Superior Eleitoral ter proclamado Vargas e Café Filho vencedores do pleito eleitoral, em consonância com a Constituição brasileira de 1946, mesmo que ambos não tenham conseguido a metade dos sufrágios apurados nas eleições. Crítica que o Tribunal Superior Eleitoral tenha desprezado o princípio majoritário levantado pela oposição (Diário Carioca, 19/01/1951).

O resultado das eleições em tela mereceu uma manchete de capa numérica, como pode-se constatar na reprodução abaixo:



Fonte: Diário Carioca. Capa. Edição de 08/10/1950. In: BNDigital, seção de periódicos.

Apesar da discordância do resultado daquele pleito e “objetividade numérica” de sua manchete, o editorial do Diário Carioca diz que é necessário que se acate e cumpra-se a decisão do Judiciário, pois, essa situação é melhor do que a de um regime ditatorial, onde não há respeito pelo magistrado (Diário Carioca, 19/01/1951). Ainda na mesma edição, Pedro Dantas (pseudônimo do colunista Prudente de Moraes) critica também a posição favorável à proclamação da presidência e da vice, “Uma sessão melancólica para o Direito e para a República”, pelo motivo da tese da maioria absoluta dos votos ter sido desconsiderada, e teoriza que se fosse acatada essa tese, “teria deixado de prevalecer a doutrina firmada não pela espada da Justiça, mas por outros votos, não togados, em data que não seria difícil de precisar”, fazendo clara alusão aos anos de Estado Novo (Diário Carioca, 19/01/1951). Nesta edição, o jornal tenta se mostrar como um veículo democrático enquanto defende uma tese que não existia na Constituição de 1946, da maioria absoluta, portanto, inconstitucional.

Após a diplomação de Getúlio Vargas, o Diário Carioca trata de acalmar certos setores proclamados democráticos que estão preocupados (em pânico, nas palavras do jornal) com a sua eleição. Além de chamá-lo de ex-ditador e golpista, o jornal diz que Vargas não é um gênio do mal, capaz de subverter e corromper com um simples sorriso, que não merece o exagero de ser considerado um símbolo do mal. Logo depois, o jornal ressalta o papel da UDN em fiscalizar o governo e lhe fazer oposição, sendo que, no entanto, o jornal sugere que a oposição não corte relações por completa com o governo e que, na medida do possível, dialogue com Vargas, aceite cargos no governo. Para que seja feito o mesmo que ocorreu no governo Dutra, segundo o D.C., – uma administração útil. (Diário Carioca, 28/01/1951).

Por fim, volta a dizer que o ex-ditador, Vargas, não tem nada que possa ser temido pois não tem poderes sobrenaturais e que o desenvolvimento da lenda de ex-ditador talvez seja o caminho mais curto para a destruição dos princípios restabelecidos após a queda de Vargas em 1945, com o fim do Estado Novo. Há aqui, portanto, uma mudança na narrativa do Diário Carioca em relação a Vargas. Este deixa de ser um grande corruptor, na visão do matutino, como era chamado no ano anterior, e passa a ser um ser humano comum, ainda que o D. C., não deixasse de lhe atribuir a vocação para ditador. (Diário Carioca, 28/01/1951).

O Diário Carioca durante o primeiro ano do Governo Vargas toma para si o lugar de vigilante do então presidente. O alarmismo faz parte do cotidiano do jornal. “Lembra-vos de 37!”, diz Danton Jobim, citando Eurico Dutra, para alardear sobre o discurso de Vargas no dia 1º de maio, dia do trabalhador. A suprema preocupação de Vargas, reafirmada no discurso

daquela data, é conservar o contato das massas. Segundo Jobim, a filosofia “[...] política se resume no conceito de que, nestes tempos que correm, os desejos e necessidades das massas operárias devem ser atendidos de forma preferencial e decisiva”. Neste trecho, percebe-se que a crítica direcionada a atitude de Vargas dá-se, também, em defesa das classes produtoras. (Diário Carioca, 02/05/1951).

No ano de 1952 o alarmismo do Diário Carioca é feroz em relação à ditadura sindical, ou democracia sindical, desde o discurso de ano bom de Vargas, onde convida os sindicatos a abandonarem as instituições de mediação e “governarem” junto a ele (Diário Carioca, 01/01/1952). Para o Diário Carioca e seus redatores que mais lhe fazem oposição, a atitude de Vargas é uma clara indicação de que este abomina e sabota os partidos democráticos, tomando para si todo o poder, num culto à personalidade, onde ele está acima de tudo e de todos, governando diretamente com os trabalhadores. É também de temor do pequeno matutino, a possibilidade de reforma da constituição, que possibilitaria a reeleição da presidência, alarmando assim a tentativa de Vargas perpetuar-se no poder, novamente.

A Comissão Federal de Abastecimento e Preços, COFAP, criada em dezembro 1951 gera muita oposição ao governo. O jornal batizou a atuação do órgão de “ditadura dos preços” (Diário Carioca, 10/03/1955), que é imposta aos gêneros primários, principalmente alimentício, tendo o objetivo de garantir o consumo das classes mais pobres em detrimento do produtor. No entanto, o Diário Carioca aponta que quem realmente sofrerá com esta política são os vendedores, como diz o jornal, os açougueiros, já que o principal produto alvo do aumento seria a carne, devido a morte dos rebanhos por conta das complicações climáticas. O jornal também acusa de ter na COFAP um infiltrado comunista, o presidente Benjamim Soares Cabello, com base em um “curioso documento fotográfico dos antecedentes soviéticos do atual ditador do abastecimento dos preços” (Diário Carioca, 06/07/1952).

Nesse momento, a criação da Petrobrás não causa tanto alarde quanto a COFAP, considerando que estaria na fase inicial de um projeto. É discutido entre alguns políticos a falta de estudos e coisas específicas do projeto. O Diário Carioca, porém, desde o início se posiciona contra o monopólio do petróleo pelo Estado brasileiro e diz que o desenvolvimento dar-se-ia com a iniciativa privada da exploração. Em fevereiro de 1952, o jornal publica “SÃO MISTIFICAÇÕES EM NOME DO ESTADO MAIOR”, e disponibiliza a fala do general Juarez Távora, na capa, na qual diz ser contra a Petrobrás e a favor da participação externa na exploração do petróleo. (Diário Carioca, 02/02/1952). Durante o ano 1952, quando ocorre no Congresso a Comissão para a criação da Petrobras S. A., e a discussão sobre do Estatuto do

Petróleo (1938) e o Conselho Nacional do Petróleo (1939), sobre as suas atribuições. O pequeno matutino afirma, ainda que modestamente, que o monopólio poderia custar aos bolsos dos brasileiros. Por outro lado, em algumas edições, sobre a política de controle dos preços e encarecimento do custo de vida, o D. C. cita a Esso *Standart Oil* como um ótimo exemplo em que estes aumentaram o salário dos trabalhadores em contrapartida do aumento do custo de vida. O argumento em defesa da participação estrangeira na exploração do petróleo é acompanhado de companhia publicitária daquela companhia (Diário Carioca, 28/03/1952).

Em 1953, como de costume, a oposição radical é realizada principalmente no âmbito pessoal a Vargas. O alarmismo da possibilidade de uma nova ditadura nunca é, de fato, deixado de lado. Nas colunas dos redatores, Vargas é sempre lembrado como ex-ditador, governo demagógico e afins. O Diário Carioca está sempre em “vigilância”.

É neste ano que o cerco contra o Presidente aumenta. O clima de crise governamental aumenta com a eleição de Jânio Quadros para a prefeitura de São Paulo. O Diário Carioca, com bastante alarmismo, acabou noticiando a falsa tentativa de Vargas de intervir no estado de São Paulo. O jornal então publica as falas do governador paulista, que disse que, se necessário, usaria da força para completar o seu mandato. O jornal publica na sua edição de 28 de março de 1953, “Ameaça de Intervenção em São Paulo”, e denuncia, então, a suposta conspiração. (Diário Carioca, 28/03/1953).

Ilustrativamente replica-se a capa do DC com a manchete sobre a (suposta) ameaça de intervenção em São Paulo por parte de Governo Federal:

Ante Ameaça de Intervenção em S. Paulo, Garcez Diz:
“SÓ MORTO OU SE NÃO PUDER REAGIR COM VIOLÊNCIA MAIOR”

Diário Carioca
 ANO XIV — N.º 7.582 — FUNDADOR: J. E. DE MACEDO SOARES — PREÇO: UM CRUZEIRO

Denunciada a Conspiração
Jânio Veio Incógnito ao Rio e já Regressou
Há Expectativa Dos Mais Graves Acontecimentos

“Furada” a Bancada Paulista

“Porei na Rua Força Pública, se Preciso”




Fonte: Diário Carioca, capa. Edição 28/03/1953. In: BNDigital, seção de periódicos.

A suposta conspiração, que se provou falsa e que forçou o pequeno matutino a se retratar na edição seguinte, tomou conta da capa do jornal. Seu fundador, Macedo Soares, publicou na sua coluna: “E o sr. Getúlio Vargas, providamente, não mudou. O fato de estar desempenhando um mandato constitucional não lhe alterou os hábitos e processos que são o sal e o tempero da observância das leis.” O Diário Carioca defendeu-se como pôde, alegando ter se baseado em declarações do então Governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. (Diário Carioca, 29/03/1953). Fato é que, naquela ocasião, o matutino carioca foi o único veículo da imprensa a publicar sobre a suposta conspiração. A notícia, que se provou inverossímil, foi publicada propositalmente com muito alarde, com o intuito de destruir a imagem de Vargas e criar um fato político que o afastasse do poder.

O momento que mais despertou as críticas ao Governo e a Vargas foi quando da reforma ministerial. Depois de meses após anunciar a reforma do seu ministério de experiência, observase o Diário Carioca acusar Vargas de não ter critério na escolha dos novos ministros, sendo estes escolhidos por desejo pessoal do Presidente e, assim, este procuraria causar desprestígio dos Partidos e dos Governadores. Contudo, entre as trocas de ministros, a mais criticada foi a de João Goulart, que, desde que assumiu a pasta, viu criar-se o alarmismo de que ele faria uma revolução sindical, ao modo peronista. Em uma de suas colunas, Macedo Soares compara aquela democracia sindical ao neonazismo. João Goulart também é acusado de fomentar as

greves em São Paulo dos metalúrgicos e dos trabalhadores do Porto do Rio de Janeiro (Diário Carioca, 14/06/1953 e 16/06/1953).

Em 1954, dá-se o ápice da situação de crise com a tentativa de assassinato do jornalista Carlos Lacerda, na rua Tonelero, no qual veio a óbito o major Rubens Florentino Vaz (05/06/1954). O D. C. publica com comoção reportagens com as seguintes manchetes “CHOROU A CIDADE; INDIGNADOS OS MILITARES” e coloca “LACERDA COMO HERÓI” (Diário Carioca, 06/08/1954). A atuação independente da Base Aérea do Galeão na investigação do assassinato ficou conhecida como República do Galeão. Nas edições seguintes ao dia do ocorrido, o clima de tensão aumenta nas Forças Armadas, que querem justiça pela morte do major Vaz. No dia 9 de agosto, é pedido por Afonso Arinos, líder da minoria, que Vargas saia de licença. No dia 15, é pedida a renúncia de Vargas pelo Clube Militar, em reunião que contou com 1500 oficiais presentes. (Diário Carioca, 9/08/1954; 15/08/1954). O clima de tensão foi engendrado em tal monte que, por fim teve-se o 25 de agosto de 1954, quando foi noticiada a morte de Vargas – a morte do então presidente ocorreu na parte de manhã, do dia 24 de agosto, quando os jornais matutinos já estavam com o material pronto para a distribuição. Os jornais vespertinos, nesse quesito, puderam noticiar o ocorrido no mesmo dia.

Temendo a reação popular, o Diário Carioca abre mão do caráter belicoso e assume uma postura mais branda diante da morte de Getúlio Vargas – assim como ocorreu com o Diário de Notícias, cuja sede fora incendiada pela massa comovida. Abreu e Lattman-Weltman discorrem sobre como o D.C. se posicionou,

[...] um dos mais radicais opositores do governo, que após o suicídio parece ter-se reconciliado com Vargas. Macedo Soares assina um artigo onde analisa a figura do presidente morto e sua atuação política. Começa por dizer que Vargas manteve um nível de vida relativamente modesto, era um homem acessível ao convívio de homens do povo, frente a cujas necessidades sempre se mostrou benévolo e cuidadoso. (ABREU; LATTMAN-WELTMAN .1994, P. 44).

A análise de cinco anos de jornal (1950-1955) nos permite dizer que a incoerência do jornal periódico é realizada conscientemente. Mudar o tom da narrativa, diminuir a agressividade, dentre outras características, são pensadas de acordo com a situação política. Não obstante, o suicídio foi um golpe que fora sentido por todos os jornais da grande mídia, não somente pelo pequeno matutino. Como afirmam Abreu e Lattman-Weltman:

O curioso é observar que o suicídio determinou que seus adversários iniciassem imediatamente o retoque na imagem de Vargas. O perfil até então construído teve de ser refeito – não coincidia

com os atos que agora se revelavam. O homem ainda tinha também grandeza, patriotismo honestidade e para alguns era um estadista. Assim, com um intervalo de algumas horas, um novo retrato de Vargas começava a ser apresentado ao público. (ABREU; LATTMAN-WELTMAN .1994, P. 44).

No dia seguinte ao suicídio de Vargas, essa notícia dividiu a parte superior da capa do jornal com a manchete sobre o “rumo” que o vice-presidente que assumia a Presidência dava ao país - “reorganiza a vida da nação”, conforme reprodução abaixo:



Fonte: Diário Carioca, capa. Edição 25/08/1954. In BNDigital, seção de periódicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a experiência democrática e a liberdade de imprensa permitiram os jornais realizarem uma oposição ferrenha e conjunta a Vargas. A modernização, gradual, ao longo da primeira metade da década de 1950, trazida pelo Diário Carioca mudou os parâmetros e a dinâmica dos jornais brasileiros. O impacto do pequeno matutino no cotidiano carioca é bastante relativo se analisarmos tão somente os números de sua distribuição, visto a diminuta relevância em termos de distribuição e alcance do seu público alvo, sendo o matutino de opinião menos lido do Rio de Janeiro. Ainda assim trouxe inovações que viriam a ser introduzida em todos os grandes jornais da época e impactaria na vida política, somando forças aos demais

veículos impressos. Portanto, o cerco da imprensa ao Segundo Governo Vargas, tal como se deu, fora possível devido a esta dinâmica da indústria de comunicação impressa.

Entretanto, ressalta-se a situação de crise criada pela imprensa, como pode-se identificar na literatura consultada, a qual, também fora gestada por outros fatores, tais como a má vontade das Forças Armadas em relação à Vargas e, não menos importante, o “desgosto”, má vontade, das elites – as quais eram muito bem representadas pelos jornais – para com o governo nacional-desenvolvimentista e populista de Getúlio.

A trajetória de oposição do Diário Carioca a Getúlio, que tem seu início em 1932, após o seu empastelamento até os dias que procederam o trágico suicídio de Vargas é composta de diversas mudanças no tom da narrativa. Ainda que não abrisse mão da oposição radical, raramente adotava uma postura sóbria. O jornal coloca-se como ferrenho opositor do ex-ditador e se apropria do discurso de liberdade de imprensa e defesa dos princípios democráticos, para os quais são necessários uma imprensa livre enquanto, paralelamente, defende medidas inconstitucionais para barrar a candidatura de Vargas e sua eventual posse. Ademais, nota-se, ao longo do período em pauta, que a hostilidade do D.C. e sua oposição radical às políticas governamentais, sejam as meramente administrativas ou as de inspiração nacional-desenvolvimentistas, concentraram-se na figura de Vargas.

Nesse contexto, as ferramentas da nova dinâmica da modernização da imprensa constituíram um vetor que contribuiu para a montagem de uma narrativa fomentadora de um clima de crise política no qual os jornais se tornaram protagonistas no jogo político pelo poder. O D.C., apesar de sua tiragem mais limitada em comparação com outros periódicos, desempenhou um papel de destaque nesse processo, com sua oposição radical à figura de Vargas difundida pela nova forma de “compor “ a notícia – possibilitada pela mencionada modernização.

FONTE

DIÁRIO CARIOCA – BNDigital – BIBLIOTECA NACIONAL, seção de periódicos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-carioca/> >. Acesso de outubro de 2018 a maio 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. LATMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In.: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 1994.

Anuário Brasileiro De Imprensa, Publicidade & Negócios. Rio De Janeiro De 1952.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COSTA, Cecília. Diário Carioca / Cecília Costa. – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. (Cadernos da Biblioteca Nacional). Acessível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/bndigital0001.pdf > Acesso em 20/03/2018.

D'ARAÚJO, Maria Celina S. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. São Paulo: Ática, 1992.

DELGADO, M. P. *Lacerdismo: a mídia como veículo e oposição na experiência democrática* (1946-1964). Locus (Juiz de Fora), v. 12, 2008.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil Republicano*. Dissertação em Comunicação Social. PUCRS. Rio Grande do Sul, 2012.

GOMES, Ângela de Castro (org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 1994.

MACHADO, Izamara Bastos. *A reforma do Diário Carioca na Década de 50*. In.: 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho – Mídia Brasileira 2 Séculos de História. Gt 1 – História da Mídia Rio de Janeiro, maio de 2003. Acessível em: www.ufrgs.br/.../a%20reforma%20do%20diario%20carioca%20na%20decada%20de.> . Acesso em 10/03/2018.

LAGE, Nilson; FARIA, Tales & RODRIGUES, Sérgio. *Diário Carioca: o primeiro degrau para modernidade*. Estudos em Jornalismo e Mídia, vol. I, Nº 1 – 1º semestre de 2004.

LEAL, C. E. Verbete Diário Carioca. In Dicionário de Verbetes. FGV/CEPEDOC. FGV/CEPEDOC (S.D). Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/diario-carioca> Acesso em 12/05/2019.

LUCA, T. R. de. *A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX*. 9ª Conferência Internacional da Brazilian Studies Association (Brasa), Tulane University. 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

MOLINA, Matias M. *Um jornal para ser lembrado*. Observatório da Imprensa. Ed. 702. 10/07/2012. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed702-um-jornal-para-ser-lembrado/>>. Acessado em: 20/01/2019.

RODRIGUES, Sérgio & FARIA, Tales. *Reforma do Diário Carioca – Revolução da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro, Escola de Comunicação da UFRJ, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SOUZA, Pompeu. *Manual de redação*. Diário Carioca, 1950. Disponível em: <http://www.serqueira.com.br/dc/manual.htm> Acesso em: 01/01/2019.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Lênin Alves Francelino Gadelha, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **IMPrensa E PODER NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS – A OPOSIÇÃO DO MATUTINO DIÁRIO CARIOCA (1950-1954)** foi integralmente por mim redigido, e que assinalo devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, dezembro de 2019

Lênin Alves Francelino Gadelha